

IDÉIAS SOCIALISTAS NO BRASIL ATRAVÉS DA IMPRENSA (1902-1922)

Marly de Almeida Gomes Vianna *

Resumo: O trabalho procura entender como as lideranças do movimento operário, anarquistas, socialistas e comunistas, expressaram sua política e sua ideologia, com a finalidade de levar consciência à classe que queriam representar e ganhar adeptos para sua causa entre outras camadas da população.

Palavras-chave: Anarquismo, Socialismo, Comunismo, Movimento operário.

Por que a história do movimento operário? [...] Ir ao passado é sentido ainda como uma necessidade absoluta pelos militantes? [...] Por que essa história? Com que objetivo? A quem e a que ela serve, em relação ao movimento operário? [...] Não será melhor perguntar em que consiste, como funcionam os bloqueios da consciência histórica? Como superá-los para fazer surgir uma tomada de consciência, uma nova sensibilidade em relação aos problemas do passado? Uma análise crítica [...] deve colocar de um lado a produção histórica e de outro a memória coletiva, em relação ao modo como o movimento operário, ou talvez as organizações que se dizem do movimento operário se referem à sua própria história, com o uso que eles fazem dela e com a função política e ideológica que eles lhe dão. [...] A classe operária, postulada classe teleológica, tem necessidade da consciência histórica e, portanto, da consciência de seu passado, para cumprir sua missão.(1)

Transformando um pouco a frase de Haupt que sublinhei na citação acima, uma das minhas pretensões com esta pesquisa é entender como as lideranças que se diziam do movimento operário expressaram sua política e sua ideologia, com a finalidade de levar consciência à classe que queriam representar e ganhar adeptos para sua causa entre outras camadas da população. Quero perceber, através da imprensa socialista, anarco-sindicalista e comunista, a elaboração das idéias socialistas no Brasil, identificando as posições do anarquismo revolucionário, assim como as diversas conotações do socialismo, em especial do marxismo e do evolucionismo – este último caro os líderes da II Internacional. Foram idéias que por aqui aportaram adaptando-se ao pensamento democrático-progressista do país, fosse entre o movimento operário, fosse entre a intelectualidade, incluída nela os militares.

*Doutora em História pela USP, professora aposentada da UFSCar, atualmente professora do Curso de Mestrado em História do Brasil da Universidade Salgado de Oliveira. O presente trabalho é a primeira parte de uma pesquisa que está sendo desenvolvida e que chegará até 1954, quando da realização do IV Congresso do PCB, que consolidou o caráter nacional-libertador da revolução brasileira, teorizado desde meados dos anos 30.

Trata-se, não de pesquisar a imprensa operária, mas de procurar identificar, através de jornais, revistas, panfletos e manifestos, a mentalidade que vigorava entre a liderança operária e seus aliados ideológicos das camadas médias urbanas, de perceber como, nas condições concretas do Brasil, os trabalhadores organizados – fosse em que nível fosse – pensavam sua situação, baseados nas ideologias que se consolidavam no mundo e na sua reelaboração interna.

Levanto como hipótese que podemos falar de um tipo de pensamento, embora adquirisse diferentes variantes: o peso do fator interno fez com que se elaborasse uma matriz de pensamento – sempre subalterno, por mais radical que pudesse parecer, e, contraditoriamente, sem deixar de sê-lo.

Os limites cronológicos que proponho para este artigo são 1902 (a formação de um primeiro partido socialista organizado, e época também em que o anarquismo se tornou mais presente no movimento operário) e 1922, ano de fundação do Partido Comunista do Brasil. (Numa segunda etapa serão examinados os principais documentos programáticos do PCB, de 1922 a 1929 e finalmente, o período de 1929 e 1954.)

Outro objetivo do estudo é perceber não só como as idéias socialistas, vindas do contexto europeu, historicamente bastante diferenciado do nosso, se transformaram e se adaptaram no Brasil; como e de que forma os ideais socialistas (marxistas ou anarquistas), profundamente anti-autoritários, conviveram e em muitos casos incorporaram aspectos do pensamento autoritário e principalmente elitista da sociedade brasileira; até que ponto as ideologias mais influentes nos setores que formaram o PCB - o anarquismo revolucionário no movimento operário e o positivismo nos setores das camadas médias urbanas, sobretudo militares - com suas cargas de messianismo libertário, culto ao progresso e elitismo, respectivamente - conviveram com e reelaboraram o socialismo marxista.

Quero discutir a possibilidade da organização de um movimento revolucionário atuante, com base de massas, numa sociedade com classes sociais ainda não suficientemente diferenciadas, hierarquizada e autoritária, com uma classe operária débil e brutalmente reprimida, uma burguesia sem experiência de práticas liberais e camadas médias pouco identificadas com o mundo do trabalho. Se considerarmos que não havia espaço para uma organização revolucionária com influência de massa em tal sociedade, cabe indagar sobre o papel de grupos e lideranças mais avançados na

proposta de transformação revolucionária da sociedade, num contexto objetivamente limitado.

O que motivou este estudo foi tentar perceber porque as pessoas não se rebelam (ou se rebelam pouco e esporadicamente) contra a opressão, as injustiças, a falta de respeito humano a que são submetidas; o porquê da aceitação bastante passiva do *status quo*; por que, sendo maioria, a classe operária aceita, ao fim e ao cabo, a exploração a que foi (é) submetida? Seria de se esperar que a partir do capitalismo, quando a coerção econômica toma o lugar de outros tipos de coerção – ideológica, religiosa - a classe dominada tivesse muito melhores condições de se revoltar. No entanto, os vínculos ideológicos de submissão aos dominantes permanecem com toda sua força.

Já dissera Marx que prevalece numa sociedade a ideologia de sua classe dominante e Gramsci assinalou que o capitalismo produz um homem a sua medida. No caso do capitalismo, a burguesia tem todos os meios para elaborar um sistema de crenças que lhe convém inculcar nas classes subalternas para que essas aceitem sem revolta sua situação de dominados. Quando a coerção ideológica não se mostra suficiente, as classes dominantes – para isso o são – têm a seu dispor os meios de coerção (o Exército, a Polícia). Isso faz com que os dominados não só aceitem a dominação da burguesia como (e por isso mesmo) muitas vezes a justifiquem, tomando, em muitos momentos de conflito, o partido dos patrões contra seus companheiros de classe que se sublevam. Se conseguirmos avançar no entendimento dessas questões poderemos compreender, por outro lado, o que faz uma classe dominada sair da passividade e buscar seus direitos.

Para responder às colocações propostas exploro principalmente dois campos: por um lado, o campo das ideologias que submetem os subalternos à ideologia das classes dominantes; por outro, as formas do discurso político-ideológico dos grupos subalternos que, por mais correto que seja em seus conteúdos, não conseguem chegar ao coração das massas. É desse último campo que vou tratar aqui: as formas de propaganda dos que querem transformar o mundo – que passaremos a chamar de esquerda -, acabando com a propriedade privada e com as classes sociais.

Minha principal hipótese é que essa esquerda, em que pese sua real vontade de transformar o mundo, de realizar uma revolução social, de sua generosidade e fraternidade para com o próximo não conseguiu, ela mesma, como vanguarda militante,

fugir dos parâmetros ideológicos impostos pela burguesia. Dito de outra forma, a esquerda não conseguiu formar uma contra-ideologia, mantendo-se no terreno delimitado pela burguesia e lutando com as armas que esta lhe oferece.

A análise dos jornais operários, na quase totalidade anarquistas, dos primeiros 20 anos do século XX, é importante para o entendimento da construção do pensamento do que podemos chamar, generalizadamente, de “esquerda brasileira” e, especificamente, dos grupos comunistas que se juntaram no Partido Comunista do Brasil (PCB), que foi não só o primeiro partido político de âmbito nacional formado no país, como o aglutinador de várias correntes democráticas, fosse qual fosse seu nível de adesão às idéias socialistas.

Quero analisar de que forma o discurso impresso, que expressa um tipo de visão de mundo, acolheu “às idéias mais simples e menos estruturadas que circulam entre o povo simples”? Falando de hegemonia, Rude, comenta que esta

não é só um sistema de dominação (de idéias ou de poder político), é um processo pelo qual a classe dominante impõe seu consenso, através dos meios de doutrinação da sociedade civil – da imprensa, Igreja, educação. O povo participa de sua submissão. O proletariado precisa construir a contra-ideologia e para isso ter também seus intelectuais orgânicos. (Idem)

A questão é exatamente entender as dificuldades – ou a possibilidade- do proletariado, nas condições brasileiras, para a construção de uma contra-ideologia.

Considerando a ideologia do movimento operário na época que tratamos como um conjunto “de idéias freqüentemente contraditórias e confusas, mistura de tradições populares, mitos e da experiência cotidiana”, quero comparar essa definição com a simplificação que se verifica nas publicações destinadas à propaganda ideológica entre o movimento operário, em especial veiculada pelo movimento anarquista do início do século. Mas, é importante frisar, apenas como comparação, pois o que nos importa é analisar a explicitação, pelos jornais, de suas ideologias.

Não havendo espaço, na sociedade brasileira, para a organização de um pensamento social-democrático burguês, o Partido Socialista (PS) especialmente, mas também o PCB e até mesmo o anarquismo foram opções para as camadas médias urbanas mais progressistas do país, o que reforçou, dentro da esquerda, a influência ideológica autoritária própria dessas camadas.

Ao mesmo tempo em que o PCB (a partir de 1922), sem base de massa que lhe respaldasse a atuação política, voltava-se para as diretivas da III Internacional, o PS desde o início tentou conciliar uma plataforma que atendesse ao movimento operário sem propostas de mudanças sociais radicais. Quanto aos anarquistas, seus militantes de destaque provinham quase todos das camadas médias urbanas ou de profissões artesanais e suas propostas de radicais transformações sociais careciam de organização para levá-las adiante.

O fato do socialismo – marxista, anarquista ou evolucionista - ter seduzido os intelectuais, independentemente da dimensão do movimento operário foi, a meu ver, um forte elemento de descaracterização do movimento comunista e socialista no Brasil – o que de nenhuma forma menospreza a participação de intelectuais nesses movimentos. O problema é que a intelectualidade brasileira da época, além da fraqueza teórica decorrente de uma sociedade ainda fortemente vinculada à escravidão, sem tradição de ensino superior e de mercado editorial, carecia do respaldo de um forte movimento operário.

O desprezo generalizado pelas práticas da democracia liberal; o autoritarismo orgânico-disciplinar dos partidos ligados à III Internacional e o fato de ser inerente a toda organização que visa uma transformação radical da sociedade a repulsa pela formas institucionais correntes, limitou muito o espaço da convivência, mesmo que formalmente democrática, nas organizações de esquerda.

Por outro lado, os grupos anarquistas, muito atuantes nas duas primeiras décadas do século, limitaram-se a aguerridas manifestações de protesto e denúncia – especialmente através de sua imprensa. Seu programa para o futuro era a proposta de uma sociedade idílica, construída individualmente por homens que levavam a verdade às grandes massas, que acabariam por serem convencidas dela, especialmente através da educação.

A Associação Internacional dos Trabalhadores (A Primeira Internacional), fundada em 1864, teve mínima influência no Brasil, na época que estudo. Maior influência teve a Segunda Internacional (1889), em especial em sua vertente revisionista e evolucionista, que coincidiu em alguns aspectos com a visão de progresso como evolução natural encontrada no positivismo. Este também marcou bastante parte da intelectualidade brasileira, inclusive com sua crença na ditadura positiva, cara aos

militares. Entre o movimento operário, a ideologia marcante foi o anarquismo, em especial o sindicalismo revolucionário.

OS SOCIALISTAS

Entre os propagandistas de idéias socialistas, no início do século XX, havia pessoas oriundas da classe operária, como José Veiga, França e Silva, Mariano Garcia, mas a maior parte delas fazia parte das camadas médias urbanas, como os professores Vicente de Souza e Eugênio Borba, o jornalista Gustavo de Lacerda, o advogado Evaristo de Moraes e os médicos Estevam Estrela, Silvério Fontes, Sóter de Araújo e Carlos Escobar. Estes três últimos formaram em Santos, em 1889, um Círculo Socialista que, para Astrojildo Pereira, foi a mais antiga organização socialista de que se tem notícias no Brasil (PEREIRA, 1962:404-419). A 12 de dezembro do mesmo ano foi escrito o manifesto do círculo, divulgado pela imprensa em 1902. Esses pioneiros da difusão do socialismo no Brasil estavam imbuídos das idéias positivistas e evolucionistas em voga à época.

Evaristo de Moraes assinala, já em 1890 o surgimento dos primeiros partidos socialistas, no Distrito Federal, São Paulo e Porto Alegre. No Distrito Federal, Evaristo destaca três deles. O primeiro, criado por Gustavo de Lacerda, editou o jornal **Voz do povo**, de curta duração. O jornal e o partido, bastante reformistas, parece terem sido criados para concorrer às eleições à primeira Constituinte republicana, em que foram derrotados (MORAES FILHO, 1981:17 *et seq.*)

O outro partido, criado por Luiz França e Silva, era também reformista, tendo a esperança de alcançar mudanças sociais sem conflitos e através principalmente do sufrágio universal. O jornal do partido, **Eco Popular**, dizia em seu nº 35, de maio de 1892: “O Partido Operário não almeja escalar o poder nem monopolizar a direção suprema dos negócios públicos”. Segundo Moraes, este partido recrutou para suas fileiras principalmente pessoas da pequena burguesia e das camadas médias urbana. Foi esse partido que convocou o Congresso operário de 1892, que embora com pequena repercussão, foi considerado por alguns como o Primeiro Congresso Operário Brasileiro. (MORAES FILHO, 1981:17.)

O terceiro partido a que se refere Moraes – Partido Operário Nacional - foi fundado por José Augusto Vinhaes, tenente da Marinha, que em 1903 o criou o Centro

Doméstico, que deu origem o Centro Cosmopolita (de hotéis, restaurantes e congêneres).

Em 1895 o Círculo Socialista de Santos transformou-se em Centro Socialista de Santos, que editou, por mais de um ano, um jornal quinzenal, **A questão social**, cujo primeiro número apareceu a 15 de setembro daquele ano. Sem nenhuma dúvida o Centro Socialista teve importância na história da organização da classe operária e na difusão de idéias socialistas. No entanto, é difícil concordar com Astrojildo Pereira de ter sido Silvério Fontes o pioneiro do marxismo no Brasil. O pensador francês Benoit-Malon, a grande influência ideológica no Centro, dificilmente poderia ser chamado de marxista. O editorial do primeiro número de **A questão social** era bem claro a esse respeito:

(...) Resultado de estudos acurados duma plêiade de pensadores, representando o *primus inter pares* Karl Marx, o socialismo encontrou, principalmente na Alemanha, sua base científica.(...) Entre nós, as condições atuais não nos permitem encarar o socialismo como medida que se imponha por uma agitação revolucionária. Desfraldando a bandeira do coletivismo reformista, **A Questão Social**, sem paixões, que considera antagônicas à idéia de progresso, a lutar tenazmente para que sejam mais rápidos os efeitos do movimento evolucionista científico, que deve dar em resultado a nova organização da Sociedade. (**A Questão Social**, nº1, 1895:1. Os grifos são meus)

O Segundo Congresso Socialista Brasileiro realizou-se em São Paulo, entre 28 de maio e 1º de junho de 1902, com mais de 50 delegados. Embora os socialistas insistissem num socialismo evolucionista, muito mais próximo do revisionismo da II Internacional do que dos fundadores do marxismo, era comum declararem adesão às idéias de Marx, o que é expresso no Manifesto do Partido Socialista Brasileiro de 28 de agosto de 1902. (8/08/1902)

A maioria dos partidos socialistas criados à época apelava com frequência para a caridade, a bondade e a justiça que, segundo eles, os patrões deveriam demonstrar para com os proletários os quais, por sua vez, deveriam ter espírito de tolerância e evitar “abalos subversivos”.

Podemos dividir em dois grupos as principais reivindicações dos primeiros partidos socialistas brasileiros. Em primeiro lugar aquelas que diziam respeito às melhores condições de vida para o operário, tais como: melhoria das condições de trabalho, higiene e segurança; habitações mais higiênicas, confortáveis e baratas; contra as injustiças na cobrança de impostos, jornada de trabalho de oito horas; educação

gratuita, formal e profissional; organização de um montepio para os operários, em caso de invalidez, velhice e morte; seis horas de trabalho para menores entre 14 e 16 anos e proibição do trabalho de menores de 14; descanso remunerado de um dia e meio por semana. Eram questões da maior importância para a classe.

Uma segunda ordem de reivindicações era claramente política. O Programa do Partido Operário do Brasil, de 1890, colocava como seu primeiro ponto: “Sustentar, por todos os meios ao seu alcance, ou pelos representantes de classe que ele mandar à Assembléia Legislativa, ou por intermédio do próprio centro executivo, todos os direitos das classes, seja qual for sua categoria. (Apud MORAES FILHO, 1981:239)

O Partido Operário de São Paulo, também de 1890, propõe: “Eleger representantes que vão ao Parlamento defender os interesses dos operários e promover a realização de medidas de interesse das classes” (Idem p.240). Por sua vez, o programa do Partido Operário Brasileiro, de 1893, em seus considerandos, diz que

...a socialização da produção, sob o regime atual da propriedade, concentra em poder da classe capitalista todos os rendimentos sociais, ficando por este fato a classe trabalhadora submetida a uma exploração física e moral cada vez mais acentuada;

Considerando que por estas condições econômicas da sociedade atual a classe trabalhadora jamais poderá emancipar-se da tutela do capital, sem que se aproprie dos meios de produção, isto é, dos instrumentos de trabalho e das matérias primas, pela restituição do solo à coletividade;

(...) Procurar obter, por todos os meios legais, a maior soma de propriedades coletivas e preparar disciplinarmente as forças para fazer-se sentir nos destinos políticos e econômicos do Brasil. (Programa do Partido Operário Brasileiro, 1893, Apud MORAES FILHO, 1981:241, grifo meu)

O que caracterizou os socialistas e os diferenciava dos anarquistas era a idéia de um socialismo conquistado na legalidade, a importância que davam às lutas eleitorais, os apelos à compreensão e à caridade dos industriais para com os trabalhadores e muitas vezes a afirmação de não serem revolucionários. Ao constatar o reformismo dos primeiros socialistas, é preciso entender da dificuldade, sem base de classe, de consolidar uma organização revolucionária. Antônio Piccarolo, um dos fundadores do jornal socialista **Avanti!**, fala sobre as primeiras tentativas de socialismo no Brasil:

Indivíduos vindos da Europa, especialmente da Itália, trazendo consigo a convicção e o ideal socialista, procuraram transplantá-los no Brasil, fundando um partido socialista brasileiro. Parece perfeitamente ocioso dizer que estas tentativas encontraram sorte por completo negativa, tendo a semente caído em

terreno impreparado e contrário a todo desenvolvimento socialista.(PICCAROLO, 1908. Apud MORAES FILHO, 1981:118-9)

OS ANARQUISTAS: NEM DEUS NEM MESTRE

Gigi Damiani, também anarquista italiano e com grande atuação no Brasil, definiu o anarquismo como “A concepção de um futuro para a Humanidade que exclua todo princípio de autoridade, de domínio e de exploração do homem pelo homem” (DAMIANI, Luigi. Apud LEUENROTH, 1963:21). E para o destacado anarquista brasileiro, Edgar Leuenroth,

A anarquia, em filosofia positiva, é a concepção de um estado social em que o indivíduo, dono e soberano de sua pessoa, se desenvolverá livremente e no qual as relações sociais se restabelecerão entre os membros da sociedade segundo as suas opiniões, as suas afeições, as suas necessidades, sem constituição de autoridade política. Numa palavra, a Anarquia é a negação do Estado sob qualquer forma que se apresente, substituído pela iniciativa individual, exercendo-se diversamente e harmonicamente. (LEUENROTH, 1963:31)

Outro ponto importante do anarquismo foi o repúdio ao parlamento e à ação eleitoral, uma vez que desprezavam toda e qualquer ação política nos marcos da sociedade capitalista.

A meu ver, Francisco Foot Hardman foi quem melhor teorizou sobre as contradições do anarquismo, entre suas teorias individualistas e utópicas de felicidade - utópicas porque tal felicidade faria parte da natureza humana essencialmente boa – e a falta de organização para levar adiante um programa de transformações sociais: sem governo, sem dirigentes. Foot Hardman elaborou o conceito de “estratégia do desterro” que ajuda muito a entender o anarquismo. (HARDMAN, 1983:16-17)

Nos primeiros anos do século XX foram os anarquistas que tiveram maior influência no movimento operário, sendo responsáveis por intensa propaganda em seu meio, através de inúmeros jornais e da organização dos primeiros congressos operários. Lutavam basicamente pelas mesmas reivindicações lançadas pelos primeiros grupos socialistas: jornada de oito horas, aumento salarial, abolição de multas, regulamentação do trabalho de mulheres e crianças, férias remuneradas, higiene nos locais de trabalho, etc. Não admitiam, no entanto, ao contrário dos socialistas (e mais tarde dos comunistas) qualquer organização de caráter político. Os anarquistas revolucionários consideravam que o sindicato não tinha caráter político e sim reivindicatório, sendo por

isso a única forma de organização que aceitavam. Quer dizer, do ponto de vista organizativo suas reivindicações não ultrapassavam as de melhores condições de vida e trabalho para a classe operária. Sua propaganda era fundamentalmente ideológica e doutrinária – daí a importância da imprensa – e pelo que chamavam de ação direta: greves, boicotes e sabotagens – não aceitando de nenhuma maneira a luta eleitoral. Em 1918 houve uma tentativa de levante armado, por parte dos anarquistas, que fracassou por ter um agente policial infiltrado em seu meio.

Edgar Leuenroth (LEUENROTH, 1963:102) escreveu sobre a dificuldade de registrar as primeiras atividades anarquistas no Brasil, dizendo que para fazê-lo teve que seguir as atividades de Neno Vasco, um dos mais ativos revolucionários. Os anarquistas começaram sua atividade no Brasil logo depois da proclamação da República, com uma série de publicações, além de comícios e conferências e ativa participação no incipiente movimento operário e na organização de grupos.

Traço específico do anarquismo, bastante forte no Brasil, foi o anticlericalismo, que mereceu, inclusive, um jornal especialmente dedicado a ele – **A Lanterna**, dirigida por Leuenroth, pretendia: lutar contra os padres, contra a influência política da Igreja, denunciar seu poder econômico como empresa, como auxiliar da exploração capitalista e divisora do proletariado. (LEUENROTH, 1963:100) Apesar do radical anticlericalismo, os anarquistas, curiosamente, não conseguiram fugir à linguagem religiosa. Em seu jornal, totalmente dedicado aos ataques à religião, dizem, por exemplo:

Portanto, é claro que nada temos a ver como os honrados companheiros que não são anarquistas. A estes estimamo-los tanto ou mais do que aqueles que o são e isso por força desse elementar sentimento de justiça que nos leva a conceder a preferência, a nossa simpatia àqueles que mais dela necessitam – porque são estes certamente para nós os mais desgraçados. (**A LANTERNA**, nº258, 29-8-1914)

Difícil não lembrar as palavras cristãs que Deus ama mais aos pecadores, que são os que mais dele precisam. Em outro artigo diz Helio Negro: “Saíste a campo a pregar o novo verbo com o ardor de verdadeiros apóstolos! Nas vossas palavras havia o fogo da sacra paixão convincente!” (**GERMINAL-BARRICATA**: Nº 1, 16-3-1913)

A educação, para os anarquistas, era fundamental e foram pioneiros na implantação das escolas novas. A futura sociedade anarquista tinha um aspecto bastante

idílico. Em palavras ditas no Congresso anarquista sul-americano, os anarquistas são “os precursores da felicidade universal [...] farão o teu amanhã uma série infinda de felicidades; são estes que tornarão a tua vida futura um mar de rosas...” (Na **Barricada** Nº21, 28-10-1915).

Havia também certa dose de moralismo, pregando não só contra o álcool (realmente um problema para muitos operários) como contra os bailes.

Nos primeiros anos do século os anarquistas tiveram papel fundamental na organização do movimento operário, não só pela propaganda em seu meio, através de inúmeros jornais, como pela organizações de auxílio mútuo e congressos operários.

O aspecto mais importante do anarquismo no Brasil foi a sua luta para a criação do sindicalismo revolucionário. Para os anarquistas, o sindicalismo agrupando os trabalhadores pela defesa de seus interesses comuns, “possui, como bases morais, a solidariedade e o auxílio mútuo” (BERNARD, Apud RODRIGUES, 1969:136)

Foi imensa a contribuição de anarquistas portugueses, espanhóis e italianos no Brasil, dentre os quais destaca-se Neno Vasco, uma das figuras libertárias de maior importância, aqui e em Portugal, com grande atuação na imprensa anarquista e teórico do sindicalismo revolucionário. Chegou ao Brasil em 1901 e logo entrou em contato com anarquistas brasileiros e italianos. Foi diretor do jornal **O amigo do povo**, que começou a circular em 1902 na capital paulista. Logo a seguir lançou a revista **Aurora**. Escreveu nas páginas do jornal **A voz do trabalhador**, onde discuti as relações entre anarquismo e sindicalismo. De volta a Portugal em 1911, manteve correspondência com os jornais anarquistas brasileiros. Seu principal livro foi **A concepção anarquista do sindicalismo**, publicado em 1923 e reeditado em 1984. Diz ele:

O que no sindicalismo é essencial é a organização e a ação de classe do proletariado, é o *movimento sindical*. Os operários, não porque têm conscientemente este ou aquele ideal quanto à sociedade futura, mas porque são assalariados e precisam de lutar contra os patrões, agrupam-se em sindicatos (*sociedades de resistência* era muito mais apropriado), fora de qualquer partido político, como aliás as associações econômicas da própria burguesia. Da sua condição de assalariado, da sua força de trabalho e do fato de estarem agrupados para a defesa de seus interesses econômicos comuns, resulta naturalmente o emprego de certos meios de ação que giram em torno da greve. Desses meios de *ação direta* são partidários todos os operários, sejam quais forem as suas idéias políticas, sociais ou mesmo religiosas; e portanto todos se podem e devem reunir nos sindicatos para o exercício dessa ação, fazendo cada um, cá fora, se quiser, parte desse ou daquele partido político ou seita. (Idem, p. 91)

A ação direta seria a principal característica do sindicalismo,

como meio para levar a bom termo os seus fins, quais sejam: abolição do salariedade, o desaparecimento do patronato, da propriedade privada e do Estado. O Sindicalismo Revolucionário preconiza a fusão de três grandes e importantes fatores da vida humana: mão de obra, técnica e ciência. É um sistema associativo que caminha para a completa emancipação dos trabalhadores, suprimindo o patronato pela ação direta expropriadora e o advento da sociedade futura. (DIAS, Carlos, Apud VASCO, 1984: 136).

Além de Neno Vasco, outros anarquistas imigrantes tiveram decisiva atuação no movimento operário brasileiro. Luigi – Gigi – Damiani foi um deles. Entre inúmeras contribuições do anarquista italiano ⁽⁶⁾ destaco um notável texto de reflexão autocrítica, que escreveu em junho de 1912:

Na verdade, empenhamo-nos por uma causa que não era nossa: a da democracia. Especializamo-nos demais no anticlericalismo, consagrando-nos a ele inteiramente, convencidos de que em terra de padre isso seria tudo. Mas dá-se que é possível ser anticlerical e reacionário ao mesmo tempo. O anticlericalismo não exclui o patrão (...) é a coisa mais ambígua e estéril desse mundo (...) Tivesse o número de companheiros aumentado, ainda que um pouco apenas, nós não teríamos chegado a esse ponto (...) Fazemos a propaganda anarquista, que não exclui a anti-religiosa; empenhamo-nos na ação anarquista, pois para falar mal dos padres existem os protestantes e os espíritas (...) Devemos bater de frente contra a sociedade do privilégio (...), com todas as suas mentiras patrióticas, estatais e teológicas. (**La Battaglia**, nº361, 21/07/1912)

Os anarquistas, inicialmente, apoiaram a Revolução Socialista na Rússia e a 9 de março de 1919 foi criado o Partido Comunista Anarquista, num congresso no Rio de Janeiro (e em São Paulo a 16 de junho do mesmo ano). O partido não foi adiante, em parte pela repressão desencadeada contra ele.

OS COMUNISTAS

Os fundadores do Partido Comunista do Brasil vieram todos do sindicalismo revolucionário, influenciados pela Revolução de Outubro na Rússia e convencidos de que uma forte organização política era indispensável para a concretização da revolução socialista. Afastaram-se do anarquismo com a aceitação da necessidade de um partido político e na admissão de autoridades que comandassem e coordenassem não só a vida partidária mas a organização da futura sociedade socialista. Por outro lado, sem o reformismo socialista, que buscava fundamentalmente vias legais para a chegada ao poder, os comunistas admitiam a participação nas eleições.

Em 1919 o jornal **Spartacus** noticiou a organização de um partido comunista e o nº23, de 3 de janeiro de 1920, anunciava a criação do grupo comunista Zumbi:

Tendes amor à terra em que nascestes? Desejais que ela venha a figurar ao lado das outras pátrias na aurora que começa a despontar para a Humanidade? Desejais um Brasil grandioso, sem amos nem escravos? Desejais contribuir, com o vosso apoio moral, para combater os males que nos infelicitam, que nos degradam, como o analfabetismo, a política, o alcoolismo, a prostituição e o desfibramento das energias juvenis? Crês, como nós, que no Brasil como no mundo, nem tudo está perdido? Credes num futuro mais belo? Numa vida digna de ser vivida? Alistai-vos imediatamente, como sócio, no “Grupo Comunista Brasileiro ‘Zumbi’”.

[...] Contra a ditadura republicana, contra o predomínio da burguesia sobre as outras classes, contra o culto das incompetências, contra a exploração organizada, contra a mentira oficial.

Pelo homem livre sobre a terra livre, pela emancipação da mulher, pelo culto à criança, que é o homem de amanhã, pela abolição dos privilégios de classe, pela ordem proveniente de um mútuo acordo entre os homens, pela República Universal, onde todos trabalhem e onde todos tenham direito à vida. (**Spartacus**, 1920, nº 23, p.3)

O jornal **A Liberdade**, nº 29, de abril de 1919, publicou o programa de um partido comunista organizado no começo do mês, programa bastante próximo às reivindicações anarquistas. Mas o PCB que sobreviveu foi o fundado em março de 1922. O recém fundado partido tinha pressa em ligar-se à Internacional Comunista (IC), o que lhe daria a força e o prestígio de que carecia nacionalmente. Esse empenho em ser reconhecido pela organização internacional refletiu-se em sua imprensa, como fica explicitado na primeira publicação do PCB, a revista **Movimento Comunista**:

Este mensário, órgão dos Grupos Comunistas do Brasil, tem por fim defender e propagar entre nós o programa da Internacional Comunista. Dentro dos modestos limites das nossas possibilidades, pretendemos torná-lo um repositório mensal fidedigno de doutrina e informação do movimento comunista internacional. (**Movimento Comunista**, Nº 1, janeiro de 1922, editorial).

Nessa colocação está a principal característica das idéias do PCB em seus primórdios: a referência à Revolução Russa e à sociedade soviética. A recém-nascida imprensa comunista tratava muito pouco dos assuntos políticos nacionais e nos raros artigos com pretensões teóricas encontram-se ainda fortes traços anarquistas

Apesar de tratar de alguns temas nacionais, como o das eleições disputadas em 1922, a esmagadora maioria dos artigos do mensário tratava de assuntos relacionados ao

movimento comunista internacional, havendo um bom número de traduções de discursos e artigos de líderes internacionais.

O principal periódico com que trabalhei foi a revista **Movimento Comunista**, publicada de janeiro de 1922 a junho de 1923 (23 números, dos quais tive acesso a 13).

Sendo a jovem República Soviética o único país socialista, sua defesa foi a principal referência de **Movimento Comunista**. Os teóricos citados na revista foram principalmente Stalin e outros líderes da IC, a maioria soviéticos. Para ter-se uma idéia da importância, para o jovem partido brasileiro, do movimento comunista internacional e de que forma buscava ligar-se a ele, vale uma estatística sobre os temas do jornal. O nº2 de **Movimento Comunista** tinha 13 artigos e somente o editorial era sobre o Brasil. O nº3, com nove artigos, só o editorial sobre o Brasil; o nº4, tinha oito artigos, nenhum sobre o Brasil; nº5, uma edição extra com seis artigos, não tinha nenhum sobre Brasil; o nº6, com nove artigos, só o editorial sobre Brasil. O nº 7 foi uma exceção. De junho de 1922, tinha cinco artigos sobre assuntos internacionais e quatro sobre o Brasil, porque o número anunciava o “lançamento definitivo” do PCB. O nº8, com oito artigos, só o editorial sobre o Brasil; dos 13 artigos do nº 9-10, dois eram sobre o Brasil, um teórico (“O problema da ditadura”, por Vitor Serge) e dez internacionais; o nº11, com dez artigos, tinha dois sobre o Brasil; o nº12, de novembro de 1922, foi toda uma edição, nove artigos, dedicada ao aniversário da Revolução Russa e o nº 13, com dez artigos, apenas dois falavam de Brasil.

Temos assim que dos 104 artigos publicados nos 12 números do jornal que analisamos (11 fascículos) 89 trataram de assuntos do movimento comunista internacional (85,6%), um teve pretensões teóricas (quase 1%) e apenas 14 (13,4%) trataram de problemas brasileiros. E deve-se levar em conta que alguns dos artigos que tratavam do Brasil estavam principalmente referidos à Internacional. O editorial do nº 7, anunciando a formação do partido, diz, por exemplo:

Podemos, pois, desde agora, considerar-nos integrados de vez no seio da grande família proletária e revolucionária do mundo, a qual tem na Internacional de Moscou sua mais alta expressão ideológica e orgânica. Mas isso, com ser motivo de compreensível contentamento, constitui principalmente para nós outros, iniciadores do Partido, um feito da maior e mais grave responsabilidade. Ao constituir-se em seção brasileira da IC tomamos sobre os ombros o compromisso de uma intensa tarefa: desfraldar e sustentar, nesta parte da América, a bandeira vermelha da revolução mundial; formar, num só corpo

orgânico, sólido e homogêneo, a vanguarda do proletariado nacional; organizar e orientar as grandes massas trabalhadoras do Brasil em suas lutas e movimentos de reivindicações. (PEREIRA, **Movimento Comunista** nº 7, p.175-6)

O jornal que melhor irá expressar as posições do PCB será **A Classe Operária**, periódico oficial do PCB, que começou a ser publicado em 1925 e foi até a década de 60, mas ultrapassa esse primeiro período da pesquisa.

ALGUMAS CONCLUSÕES PARCIAIS

Retomo aqui algumas das questões levantadas no início, como a que chamei de pensamento subalterno, isto é, a dificuldade dos líderes operários em criar uma contra-ideologia, a tendência a aceitar a luta nos termos colocados pela burguesia. Um exemplo disso é a questão da repressão ao anarquismo. Um dos principais argumentos para tal repressão era o de que os operários brasileiros seriam gentis, cordatos e estariam longe de atitudes agressivas contra seus patrões. Tais atitudes seriam típicas dos “famigerados” operários estrangeiros, os anarquistas, no caso. A resposta dos anarquistas não foi a de desmascarar o nacionalismo grosseiro e de colocar a todos como operários, independentemente de sua nacionalidade. A resposta foi tentar provar à burguesia que a maioria dos operários anarquistas era de brasileiros.

Apesar de se chamarem libertários para se diferenciar dos marxistas “autoritários”, os anarquistas demonstravam algum desprezo – e maior intolerância – pelos que não aderiam ou não compreendiam sua doutrina.

Outra questão é que diz respeito à linguagem e às formas de propaganda, o discurso dos anarquistas era frequentemente bastante doutrinário, falando de teorias e enaltecendo a educação. Por outro lado, o operário era sempre considerado um infeliz, um pobre coitado, que via seus filhinhos morrerem à mingua por falta de pão ou pela brutal exploração do patrão. Não havia qualquer exagero nisso, mas a imagem era apresentada de forma desoladora, o retrato de um desgraçado, e dificilmente alguém gosta de ver sua imagem retratada desta forma, por mais verdadeira que seja.

Já os comunistas, no início de sua existência, repetiam informes e teorias que lhes chegavam da URSS e que nada diziam ao cotidiano dos operários brasileiros. Os comunistas se habituaram de tal forma a essas repetições que não deixaram mais de produzir informes pesados e repetitivos.

Mas também é preciso assinalar a dificuldade de ser vanguarda política de uma classe que começava a se formar, sem qualquer experiência de convivência social democrática ou de organização, além de sofrer uma repressão inacreditavelmente brutal: salários miseráveis, péssimas condições de trabalho, a situação de crianças subnutridas e que praticamente dormiam nas fábricas, tal a jornada de trabalho, prisões, espancamentos, deportações e assassinatos.

É preciso assinalar também as dificuldades de se constituir num grupo político importante, sem base de classe que o respalde, e notar a importância desses grupos na luta pela organização da classe operária e na construção de uma consciência proletária. Se é verdade que não conseguiram se constituir em partidos de massa, também é verdade que foi sua presença e atuação que conseguiram todas as conquistas que obteve a classe operária na Primeira República. Poucas conquistas materiais, mas principalmente a construção da dignidade da classe.

Referências Bibliográficas

ADDOR, C.A, **A insurreição anarquista no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro:Dois Pontos, 1986

ANDREUCCI, Franco. A difusão e a vulgarização do marxismo. In HOBBSAWM, Eric, **História do Marxismo**, vol. 2, Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1982.

BANDEIRA, Moniz. **O ano vermelho**. São Paulo:Brasiliense, 2ª ed., 1980.

BEER, MAX, **História do socialismo e das lutas sociais**. Rio de Janeiro:Leammert, 1968

DEMINICIS, R.B. e REIS FILHO, Daniel A. Org. **História do anarquismo no Brasil**, vol. 1. Niterói, Mauad, Ed.UFF, 2006.

HARDMAN, Foot. **Nem pátria,nem patrão (vida operária e cultura anarquista no Brasil)**. São Paulo:Brasiliense, 1983.

HARDMAN, Foot e LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil (das origens aos anos 20)**. São Paulo:Ática, 1991.

HAUPT, Jorge, **L'historien et le mouvement social**, Paris:Maspero, 1980

HOBBSAWM, Eric, A cultura européia e o marxismo entre o século XIX e XX. In HOBBSAWM, Eric, **História do Marxismo**, vol. 2, Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1982.

KONDER, Leandro, **A derrota da dialética**, Rio de Janeiro:CAMPUS, 1988.

KRIEGEL, Anne, **Les Internationales ouvrières - 1864-1943**. Paris:PUF, 1966.

LEUENROTH, Edgar. **Anarquismo, roteiro da libertação social**. Rio de Janeiro:Mundo Livre, 1963.

MORAES FILHO, Evaristo de. **O socialismo brasileiro**, Brasília:Câmara dos Deputados/UNB, 1981.

MORAIS, João Quartim de (Org) **História do marxismo no Brasil**. Volumes 1 a 4. São Paulo, UNICAMP, 1994, 1995, 1998 e 2000.

PEREIRA, Astrojildo, **Formação do PCB, 1922/1928**. Lisboa, Prelo, 1976.

REIS, Daniel Aarão e FERREIRA, Jorge, (org.) **As esquerdas no Brasil**. Vol. 1: **A formação das tradições – 1889-1945**. RJ, Civilização Brasileira, 2007.

RODRIGUES, Edgar. **Socialismo e sindicalismo no Brasil**, Rio de Janeiro:Laemmert, 1969.

RUDE, G., **Ideologia e protesto popular**. Rio de Janeiro:Zahar, 1982.

SAMIS, Alexandre, **Minha pátria é o mundo inteiro. Neno Vasco, o anarquista e o sindicalismo revolucionário em dois mundos**. Lisboa:Letra Livre. 2009.

TURCI, Alex N. **A questão social em Santos, 1890-1902**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais – PPGCSO – da Universidade Federal de São Carlos, março de 2007.

VASCO, Neno, **A concepção anarquista do sindicalismo**. 2ª Ed. Lisboa:Afrontamento, 1984.

Jornais Consultados: Jornais anarquistas de todo o Brasil de 1902 a 1922

MOVIMENTO COMUNISTA, Rio de Janeiro: nº2 – 02/1922 a 13 – 12/1922

SPARTACUS

1919 -1920, Números de 1 a 24.

VIDA NOVA – órgão do PCB em Santos, Nº 1, 1º/5/1922